

42º Encontro Anual da ANPOCS

SPG 35 - Reconfigurações do trabalho e formas de organização coletiva

Dimensões da renovação do poder sindical: o caso do sindicato dos trabalhadores metalúrgicos de Pernambuco (SindMetal-PE/PE)

Victor de Oliveira Rodrigues (UFPB)

Dimensões da renovação do poder sindical: o caso do sindicato dos trabalhadores metalúrgicos de Pernambuco (SindMetal-PE/PE)

1. Introdução

Surgidos há pelo menos dois séculos, juntamente com a revolução industrial, que teve seu epicentro nos países centrais do capitalismo ocidental, os sindicatos tiveram o ápice de sua atuação no século XX, durante a vigência do Estado de bem-estar social. No entanto, por volta dos anos 1970, com a introdução de processos de reestruturação da produção capitalista e com o desmantelamento dos direitos sociais assegurados a partir da obtenção do emprego, os sindicatos tiveram seu poder atuação severamente atingido.

Por um lado, com a dita reestruturação produtiva, os processos de inovação tecnológica e as novas formas de gestão da força de trabalho, ocorreu o aumento do desemprego, expulsando contingentes de trabalhadores do mercado de trabalho e, por outro, a flexibilização e a precarização pressionavam aqueles que se mantinham empregados. A corrosão daquilo que Castel (1998) chamou de sociedade salarial introduziu a incerteza no centro das relações de trabalho¹.

Concomitantemente aos fenômenos sumarizados acima, têm início, no âmbito acadêmico, questionamentos sobre a centralidade do trabalho como categoria sociológica e como eixo estruturador da vida social (OFFE, 1989). A crise dos sindicatos e do sindicalismo também é colocada no centro dos debates. Para muitos, as características centrais das

¹ No caso dos países periféricos, especialmente no caso brasileiro, a estabilidade no trabalho sempre foi a exceção e nunca a regra. Aqui, o mercado de trabalho se constituiu a partir de um movimento duplo: por um lado, houve uma diretriz estatal que estimulou a vinda de força de trabalho branca e europeia, e, por outro, o mesmo Estado deu as costas à população negra, que teve que recorrer aos pequenos trabalhos informais e mal remunerados para improvisar as condições de reprodução de sua existência. A relação de complementariedade entre o mercado formal e o informal são características, de acordo com Oliveira (2015), do ritmo desigual e combinado de desenvolvimento do capitalismo brasileiro.

sociedades pós-industriais estreitaram consideravelmente as margens de atuação do sindicalismo. De acordo com a análise de Rodrigues (1992), os sindicatos estavam passando por um declínio inexorável de sua ação. Já para outros autores, o que estava em crise era um certo tipo de sindicalismo que foi característico do período da regulação social fordista.

Apesar das diferentes abordagens, o tema da crise do sindicalismo ocupou lugar de destaque nas agendas de inúmeros pesquisadores. De acordo com Lévesque & Murray (2010), ao manter o foco exclusivamente nas crises, os pesquisadores deixam de observar as renovações que estão em curso na ação sindical. Estes autores propõem que o foco analítico recaia sobre os processos de renovação (ou revitalização) do poder sindical e não mais sobre a vaga noção de crise que dominou a discussão nos anos 1990.

No presente texto, o nosso objeto de investigação é a atuação do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Pernambuco, o SindMetal-PE, entre os anos de 2008 e 2017, período que comporta os momentos de surgimento, ascensão e crise (ou declínio) da indústria naval pernambucana. Inspirado no quadro analítico desenvolvido por Lévesque e Murray (2010), analisamos, a partir do caso do SindMetal-PE, ainda que de forma não exaustiva, algumas dimensões da renovação do poder sindical em escala local.

A estratégia metodológica foi baseada na realização de três entrevistas semiestruturadas com o presidente do sindicato, em 2017 e 2018, e com um diretor, em 2018, nas quais foram abordadas as suas trajetórias na entidade, as percepções das transformações recentes e a conexão desses processos com as suas biografias. Foi realizada também pesquisa documental no site da instituição e de outros materiais acessados a partir de visitas ao sindicato. Por fim, mobilizamos os dados secundários disponíveis Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho (MTE).

A estrutura deste texto é composta de três partes. Primeiramente, apresentamos uma síntese da proposta de análise desenvolvida por Lévesque & Murray (2010), que será utilizada como base para este trabalho. Na segunda parte, contextualizamos o nascimento do polo naval, em Pernambuco, como expressão local de políticas nacionais de orientação (novo) desenvolvimentista que marcaram a passagem do Partido dos Trabalhadores (PT) pelo comando do governo federal (2003-2014). Na terceira seção, com base nos dados secundários, apresentamos o perfil dos trabalhadores navais e, a partir, também, das entrevistas semiestruturadas e da atuação do sindicato, analisamos como o SindMetal-PE

tem encarado os desafios que estão postos e, também, as diferentes dimensões da revitalização ou renovação sindical em curso.

2. Para pensar a renovação do poder sindical

A definição de renovação sindical adotada aqui compreende o conjunto de tentativas elaboradas pelos sindicatos para fazer frente aos desafios que estão postos (FREGE e KELLY, 2004) como, por exemplo, a sua perda de influência e de representatividade, a redução do número de filiados e, ainda, as perseguições coordenadas pelos poderes públicos contra os sindicatos (NIZZOLI, 2017). Esta definição, ao mesmo tempo que é limitada por ser muito vaga, serve para ajudar a desfocar o olhar da abstrata noção de crise e fazer com que passemos a observar, com mais atenção, as ações e iniciativas que os sindicatos têm tentando desenvolver na sua prática cotidiana.

A noção de poder sindical, por sua vez, remete à capacidade que sindicatos têm de impor sua agenda e defender seus interesses, o que abarca, numa dimensão, os recursos de poder e, em outra, as habilidades estratégicas dos atores (LÉVESQUE e MURRAY, 2010). Entre outros méritos que esta definição possui, destacamos o fato de permitir observar os sindicatos não apenas como estruturas e aparatos que elaboram convenções coletivas, fazem greves, homologam demissões, recolhem as contribuições financeiras dos sócios etc. Como veremos mais adiante, a noção de habilidades estratégicas nos possibilita observar, para além do sindicato como instituição, as práticas e as trajetórias dos atores sociais de carne e osso que dão vida e põem as engrenagens sindicais em funcionamento.

Os recursos de poder compreendem quatro aspectos inter-relacionados, representados no gráfico a seguir:

Gráfico 1 - Os recursos do poder sindical



(Adaptado de Lévesque e Murray, 2010)

As categorias elaboradas Lévesque e Murray (2010) podem ser assim compreendidas: 1) *a solidariedade interna* é composta de duas dimensões: a coesão do grupo, ou seja, a identidade (s) coletiva e, por outro lado, a vitalidade deliberativa, que significa a existência de canais institucionais que permitam uma efetiva participação dos trabalhadores na vida sindical. Isto se traduz, entre outras formas, na presença da representação sindical nos locais de trabalho e, inclusive, na existência de grupos ou correntes de oposição que possam participar das eleições e se expressar democraticamente sobre as políticas do sindicato; 2) *a solidariedade externa* está relacionada com a inserção dos sindicatos em redes com grupos comunitários, movimentos sociais e outros atores; 3) *os recursos narrativos* são os mecanismos a partir dos quais o sindicato difunde as informações e interpretações que lhes são pertinentes para explicar e justificar suas ações; 4) *os recursos organizacionais* são os meios que o sindicato dispõe para produzir os recursos materiais e humanos que ele necessita (LÉVESQUE e MURRAY, 2010).

Ainda que sejam fundamentais, a identificação desses recursos não é suficiente para explicar o poder sindical. Sobretudo em contextos de mudança, é fundamental compreender as habilidades dos atores:

*“Nós cremos que é essencial não se concentrar simplesmente sobre o desenvolvimento dos recursos dos sindicatos, mas considerar igualmente as habilidades estratégicas, que justamente permitem desenvolver, utilizar e transformar esses recursos segundo as exigências do contexto”*² (LÉVESQUE e MURRAY, 2010: p. 52).

As habilidades são as disposições, o saber-fazer e as competências sociais que podem ser desenvolvidas, transmitidas e aprendidas. Mais uma vez, a representação gráfica oferecida pelos autores facilita a percepção das relações entre os recursos de poder e as habilidades estratégicas.

² Traduzido livremente do francês pelo autor deste artigo.

Gráfico 3 - recursos do poder sindical
x
habilidades estratégicas



(Adaptado de Levesque e Murray, 2010)

Ao introduzir as habilidades estratégicas como componente do poder sindical, a abordagem de Lévesque e Murray (2010) nos permite ir além das abordagens convencionais da sociologia do trabalho e pensar os sindicatos não apenas como estruturas e aparatos, mas nos possibilita fazer com a que a análise recaia, também, sobre os agentes que dirigem e direcionam a atuação destes aparelhos. Assim, podemos investigar quais são os tipos de capital militante requeridos para a entrada, permanência e ascensão no campo (TOMIZAKI e ROMBALDI, 2018; BOURDIEU, 2005). Em outros termos, voltamo-nos para o saber fazer prático aprendido no cotidiano da militância (MATONI e POUPEAU, 2004).

Na terceira parte deste texto, mobilizamos os conceitos e categorias mencionados acima como ponto de partida para compreendermos as mudanças que vêm ocorrendo na ação do SindMetal-PE. Antes disso, faz-se necessário explorarmos o contexto no qual se desenvolve a ação do referido sindicato.

3. A indústria naval em Pernambuco e o contexto (novo) desenvolvimentista

A indústria naval surgiu, em Pernambuco, quando o Estaleiro Atlântico Sul (EAS) entrou em funcionamento, em 2008, no Complexo Industrial e Portuário de Suape (CIPS). Historicamente concentrada no estado do Rio de Janeiro, a indústria naval brasileira, nos anos 2000, recebeu estímulos estatais do governo federal e passou por um processo de expansão e descentralização.

Em 2003 e 2004, o governo federal brasileiro lançou, respectivamente, o Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural (PROMINP) e o Programa de Modernização e Expansão da Frota (PROMEF). O PROMEF possuía três objetivos principais: 1) construir navios no Brasil; 2) garantir que estes navios tivessem pelo menos 65% de conteúdo nacional na primeira fase e 70% na segunda fase; 3) fazer com que a produção brasileira alcançasse um padrão de competitividade internacional.

Em 2005, as empresas Queiroz Galvão e Camargo Corrêa anunciaram a criação da empresa Estaleiro Atlântico Sul (EAS) que passou a funcionar, em 2008, no Porto de Suape³. O estado de Pernambuco, que não possuía tradição na indústria naval, passou a ser sede do maior estaleiro do Brasil.

A história do Porto de Suape é antiga e remonta há mais de trinta anos. Em 1955, o francês Louis-Joseph Le Bret, economista e padre dominicano, publicou um estudo em que propunha um projeto de desenvolvimento para Pernambuco inspirado na ideia de integração porto - indústria, tal como havia realizado no porto francês de Marseille-FOS (LEBRET, 1955; GODOY, 2014).

O dinamismo econômico, no entanto, só veio nos anos 2000. O Porto de Suape representou o que GODOY (2014) caracteriza exemplar da nova plataforma desenvolvimentista no Nordeste (GODOY, 2014). Para compreendermos isso, faz-se necessário algumas considerações sobre as transformações recentes ocorridas no Brasil.

A primeira década do século XXI inaugurou um novo período na história do país. A novidade reside na inédita chegada de uma liderança oriunda do sindicalismo e do Partido dos Trabalhadores (PT) à presidência da república. Tendo estreado na vida pública como líder sindical nos anos 1970 e 1980 à frente do chamado “novo sindicalismo”, Luís Inácio Lula da Silva foi eleito presidente da república em 2002. Ainda que em um governo ancorado em uma coalização de forças antagônicas, essa eleição teve uma forte carga simbólica e, conseqüentemente, gerou fortes expectativas nos movimentos sociais e demais segmentos da sociedade civil, especialmente, no sindicalismo.

Bresser-Pereira (2003) utiliza a expressão “novo desenvolvimentismo” ao destacar a retomada de uma perspectiva nacional desenvolvimentista ainda no primeiro governo Lula. Questionando se houve de fato uma orientação desenvolvimentista no período

³ A fim de evitar repetições, utilizamos as expressões “Porto de Suape” e “Complexo Industrial e Portuário de Suape”, ou, simplesmente, “CIPS”, como sinônimo.

mencionado, fala-se, ainda, em “desenvolvimentismo às avessas” (GONÇALVES, 2012). Não exploraremos aqui os pormenores teóricos e conceituais acerca do controverso desenvolvimentismo, o que extrapolaria os limites deste texto, mas apenas sinalizamos de antemão que concordamos que os governos do Partido dos Trabalhadores (PT), entre 2003 e 2014, significaram, ainda que de forma ambígua, uma inflexão na agenda pública neoliberal até então adotada no Brasil. Nesse sentido, de acordo com Singer e Loureiro (2016), este período foi marcado pelo signo da contradição:

Reindustrialização com oposição dos industriais, assalariamento precário com acesso à universidade, ampliação do crédito educacional com crescimento do ensino superior privado, walmartização do trabalho com internacionalização dos sindicatos, agroecologia com agronegócio, autonomização dos mais pobres com passividade assistencialista, emancipação cultural com empreendedorismo, esperança de inclusão com rebaixamento das expectativas. (SINGER e LOUREIRO, 2016:13)

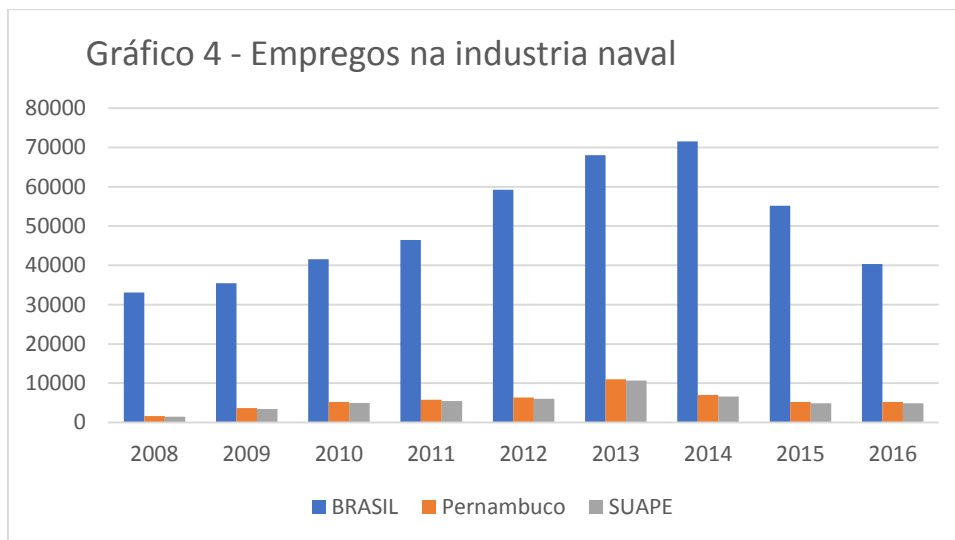
Em tal ciclo ocorreu um “ensaio desenvolvimentista”, conceito cunhado por André Singer (2016) para realçar, de um lado, o caráter efêmero, incompleto e inacabado que esta experiência teve (ensaio) e, de outro lado, destacar o caráter antineoliberal que marcou a orientação política dos governos brasileiros nos anos 2000⁴ (desenvolvimentista).

O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), lançado em 2007, foi o símbolo máximo da nova orientação desenvolvimentista adotada no segundo governo Lula (2007-2010) e intensificada no primeiro governo Dilma (2011-2014). O PAC consistiu em um conjunto de medidas que visava a “incentivar o investimento privado; aumentar o investimento público em infraestrutura; e remover obstáculos (burocráticos, administrativos, normativos, jurídicos e legislativos) ao crescimento” (BRASIL, 2007, p.2).

O Nordeste e, especialmente, o estado de Pernambuco, foi um dos principais beneficiados pela política (novo) desenvolvimentista e pelo recente ciclo de crescimento. Em 2008, segundo informações da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do

⁴ No entanto, o início do segundo governo da presidenta Dilma Rousseff, reeleita em 2014, em uma conjuntura de adversidades econômicas e políticas, ficou marcado por uma guinada ortodoxa no âmbito das políticas econômicas. Sobre isso, ver Vêras de Oliveira (2017).

Trabalho, o polo naval do CIPS contava com 1.508 trabalhadores⁵. O ápice do número de contratações se deu em 2013 e chegou a 10.684. A partir de 2014, o Brasil e, em particular, o estado de Pernambuco, sede do CIPS, foi atingido por uma forte crise econômica e o número de trabalhadores despencou para 4.926 em 2016. A seguir, apresentaremos alguns dados que nos ajudarão a conhecer o perfil destes trabalhadores do polo naval pernambucano.



Fonte: RAIS / M.T.E. Elaboração Própria

3.1 O perfil dos trabalhadores navais

a) Escolaridade

A maioria dos trabalhadores do polo naval, em Pernambuco, possui ensino médio completo, seguidos daqueles que concluíram o ensino superior. Em 2008, somados, estes trabalhadores correspondiam a cerca de 84% do total. Já em 2016, a mesma soma correspondia a cerca de 86%. Notamos, no entanto, uma diferença na composição: entre 2008 e 2016 observa-se um leve aumento no número de trabalhadores de com ensino médio, passando de 65% para 75%. Por outro lado, observamos uma redução da quantidade de trabalhadores com ensino superior completo, passando de 15% em 2008, para 7% em 2016.

Os trabalhadores com ensino médio, possivelmente, possuem curso técnico, mas este dado não aparece desagregado na base de dados utilizada (RAIS). Não podemos afirmar

⁵ Utilizamos as seguintes classes da CNAE 2.0: CLASSE 30113 - Construção de embarcações e estruturas flutuantes; CLASSE 30121 - Construção de embarcações para esporte e lazer e CLASSE 33171 - Manutenção e reparação de embarcações.

conclusivamente, mas lançamos aqui a hipótese a ser verificada através de trabalho de campo, de que os trabalhadores técnicos estejam realizando o trabalho que caberia aos trabalhadores com ensino superior completo. A presença de trabalhadores analfabetos e de trabalhadores com pós-graduação (mestrado ou doutorado) não atinge sequer 1% da totalidade.

Tabela 1 - Escolaridade

	2008	%	2016	%
Fundamental Incompleto	63	4,1	280	5,6
Fundamental Completo	89	5,9	166	3,3
Médio Incompleto	88	5,8	270	5,4
Médio Completo	1031	68,6	3845	78
Superior Completo	230	15,3	364	7,3
Mestrado	0	0	1	0,02
Doutorado	0	0	0	0
Total	1501	99,9	4926	99,9

Fonte: RAIS/M.T.E. Elaboração Própria

b) Sexo

Em relação ao sexo da categoria de trabalhadores navais, trata-se de um segmento majoritariamente masculino. A participação das mulheres, ainda que tenha ensaiado algum crescimento, despencou se observarmos o intervalo entre 2008 e 2016. Não temos uma hipótese para explicar essa movimentação, mas será investigada no decorrer da pesquisa.

Tabela 2 - Sexo

	2008		2016	
	Valor	% Coluna	Valor	% coluna
Masculino	1230	81,9	4579	92,9
Feminino	271	18	347	7,0
Total	1501	100	4926	100

Fonte: RAIS/M.T.E. Elaboração Própria

Na tabela abaixo podemos observar as variações da composição, por sexo, dos trabalhadores:

Tabela 2.1 - Sexo

Ano	Masculino		Feminino	
	Valor	%		%
2008	1230	81,9	271	18,0
2009	3004	87,4	431	12,5
2010	4421	88	573	11,4
2011	4841	88	655	11,9
2012	5340	88,3	701	11,6
2013	9720	90,9	964	9,0
2014	6007	90,9	600	9,0
2015	4502	91,9	392	8,0
2016	4579	92,9	347	7,0

Fonte:RAIS/M.T.E. Elaboração Própria

c) Faixa Etária

Se compararmos o intervalo entre 2008 e 2016, observamos que houve uma redução considerável dos trabalhadores com idade entre 18 e 24 anos. Estes passaram de 28%, em 2008, para 11%, em 2016. Por outro lado, os trabalhadores com idade entre 30 e 39 anos, que, em 2008 representavam 27% da categoria, passaram a representar 42%. A grande maioria do segmento se concentra nas faixas etárias de 25 a 39 anos.

Tabela 3 – Faixa etária

Faixa Etária	2008 (%)	2009 (%)	2010 (%)	2011 (%)	2012 (%)	2013 (%)	2014 (%)	2015 (%)	2016 (%)
15 A 17	0	0	0	0,0	0,3	0	0	0	0,0
18 A 24	28,7	38,1	30,8	22,8	21,2	19,8	17,2	15,4	11,7
25 A 29	24,9	21,3	24,0	24,3	24,4	24,5	26,1	26,2	25,8
30 A 39	27,9	24,6	28,4	32,8	32,9	34,7	35,8	38,5	42,1
40 A 49	10,7	10,3	11,4	13,3	14,2	14,4	14,3	14,4	15,3
50 A 64	7,1	5,2	5	6,3	6,3	6	6	5,1	4,6
65 OU MAIS	0,3	0,2	0,2	0,2	0,3	0,2	0,3	0,1	0,1
Total		100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: RAIS/M.T.E. Elaboração Própria

d) Remuneração média

Observando os números relativos a remuneração, percebemos que a maioria dos trabalhadores navais recebem entre dois e quatro salários mínimos. Quando analisamos a

evolução das faixas de remuneração, comparando o intervalo entre 2008 e 2016, constatamos que houve, por um lado, um aumento significativo dos trabalhadores que recebem entre dois e três salários mínimos e, por outro, uma redução considerável dos trabalhadores que recebem os mais salários mais altos.

Tabela 4 – Remuneração média

Faixa Remun Média (SM)	Ano					
	2016		2013		2008	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Até 0,50	57	1,1	182	1,7	0	0
0,51 a 1	2	0	44	0,4	0	0
1,01 a 1,5	399	8	1038	9,7	1008	67,1
1,51 a 2	244	4,9	697	6,5	43	2,8
2,01 a 3	2009	40,7	2297	21,4	41	2,7
3,01 a 4	1019	20,6	1577	14,7	19	1,2
4,01 a 5	343	6,9	1370	12,8	10	0,6
5,01 a 7	325	6,5	1563	14,6	37	2,4
7,01 a 10	197	3,9	692	6,4	62	4,1
10,01 a 15	120	2,4	702	6,5	153	10,1
15,01 a 20	45	0,9	209	1,9	55	3,6
Mais de 20	47	0,9	264	2,4	73	4,8
{ ñ class }	119	2,4	49	0,4	0	0
Total	4926	100	10684	100	1501	100

Fonte: RAIS/M.T.E Elaboração Própria

Em síntese, o perfil dominante dos trabalhadores do polo naval em Suape é composto majoritariamente por homens, que possuem entre 25 e 39 anos, recebem entre dois e quatro salários e, em sua maioria, possuem o ensino médio completo ou, ainda, em menor quantidade, possuem uma graduação.

O ressurgimento do setor naval, a partir da criação dos estaleiros, colocou novos desafios para o sindicato dos trabalhadores do setor, o SindMetal-PE: representar um novo perfil de operários, mais heterogêneo, e ter, ainda, que negociar com empresas de diferentes (grandes) dimensões das que estava habituado. Vejamos, a seguir, uma análise, ainda que não exaustiva, da atuação do sindicato.

4. O SindMetal-PE: um caso de renovação do poder sindical local

O SindMetal-PE (Sindicato dos trabalhadores nas indústrias metalúrgicas, mecânicas e de material elétrico do estado de Pernambuco), comumente chamado apenas de sindicato dos metalúrgicos, foi fundado em 1935. Posteriormente, no final dos anos 1970, como expressão local do “*novo sindicalismo*”, que nasceu no Abc paulista e se espalhou para o restante do país, o SindMetal-PE foi conquistado por uma chapa da chamada esquerda sindical.

O *novo sindicalismo* tinha como principais características uma nova forma de ação sindical que buscava aproximação com os trabalhadores de base através de uma maior organização nos locais de trabalho, opção pelo confronto aberto e radical com os patrões e, também, uma oposição ferrenha à estrutura sindical brasileira. O *novo sindicalismo* buscou, também, a partir das práticas apontadas acima, forjar uma identidade que se contrapunha à identidade sindical populista e burocrática, que teria sido a marca da ação sindical entre os anos de 1945 e 1964 (SANTANA, 1998). Segundo Rodrigues:

De repente, os trabalhadores, que raramente eram mencionados nos jornais da chamada grande imprensa e que quando se faziam presentes apareciam apenas nos cadernos de economia, passam a ocupar as primeiras páginas de todos os periódicos, bem como o noticiário do rádio e televisão e, com as greves, naquele período, conseguem se colocar – de um momento para o outro – no centro das atenções políticas do país inteiro (RODRIGUES, 2003, p. 301).

Situada no período de redemocratização, a retomada das lutas sociais pelos trabalhadores culminou com a construção de novas entidades de representação classista: a fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), em 1980; a criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), em 1983; e, por fim, o surgimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em 1984. Foi, portanto, um momento em que novos personagens entraram em cena (SADER, 1991).

Foi neste contexto que o SindMetal-PE, ao ser conquistado por segmentos da esquerda, tornou-se uma das principais expressões do sindicalismo urbano em Pernambuco. Para termos uma dimensão da importância deste sindicato, mencionamos que o primeiro presidente do SindMetal-PE identificado com a esquerda sindical viria a ser, em seguida, o primeiro presidente estadual da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e, anos mais tarde, seria também primeiro prefeito da cidade do Recife eleito pelo Partido

dos Trabalhadores (PT)⁶.

No acompanhamento que fazemos através da imprensa local, observamos que, desde 2008, ano em que o Estaleiro começou a funcionar, os trabalhadores denunciam, constantemente, que são submetidos ao arbítrio e aos abusos de poder das gerências. As relações entre os metalúrgicos e a direção do EAS não se constituíram de forma pacíficas.

Entretanto, nos períodos de surgimento e ascensão da indústria naval, tomando como marco a criação do EAS, em 2008, o SindMetal-PE teve, por um lado, uma postura passiva diante do empresariado e, por outro, sérias dificuldades no relacionamento com os seus representados. Nas entrevistas realizadas, nos foi relatada a existência de uma desconfiança dos trabalhadores em relação ao seu órgão de representação durante este período. A partir de 2014, com a crise da indústria naval, na qual ainda está colocada inclusive a possibilidade de fechamento do EAS, o SindMetal-PE começou a passar por uma série de mudanças iniciadas a partir da eleição de uma nova diretoria, que tem promovido, de acordo com os seus próprios termos, uma “reestruturação” na entidade. *Qual é o sentido e quais são as dimensões da reestruturação em curso? Essa reestruturação pode ser compreendida como uma renovação / revitalização do poder sindical local?*

A nossa hipótese é de que está em curso um processo parcial de revitalização do poder sindical local. Para analisar as diferentes dimensões deste fenômeno, retomaremos o modelo analítico proposto por Lévesque & Murray (2010). Antes disso, entretanto, narraremos, brevemente, alguns episódios recentes de conflito entre o sindicato e a base de sua categoria.

Em uma paralisação dos trabalhadores do Estaleiro Atlântico Sul (EAS), que ocorreu em setembro de 2011, por exemplo, ficou evidente o hiato, que havia naquele momento, entre os trabalhadores de base e a direção do sindicato, como podemos constatar na fala do então presidente do SindMetal-PE, Alberto Alves (Betão)⁷: *“Existe um pessoal que desmancha tudo o que a gente faz. O conflito da semana passada foi para desmoralizar a categoria”*⁹. Ainda de acordo com a matéria publicada no Jornal do Commercio (JC),

⁶ Trata-se de João Paulo Lima e Silva, atualmente filiado ao PCdoB.

⁷ Alberto Alves, conhecido no meio sindical como Betão, passou quatro gestões consecutivas como presidente do sindicato. Cada gestão possuía três anos de duração. A substituição do presidente é um dos indícios do processo parcial de revitalização sindical investigado neste trabalho.

a relação entre o sindicato (SindMetal-PE) e os trabalhadores do EAS era conturbada: *“Uma parcela considerável dos trabalhadores rejeita o sindicato, sob a justificativa de que ele não defende como deveria as reivindicações trabalhistas”* (JC, 21/09/2011).

A princípio verificou-se que o sindicato que atua em Suape foi incapaz de articular ações que o legitimassem como interlocutor legítimo dos trabalhadores. O SindMetal-PE se limitava a encaminhar as demandas dos trabalhadores para que fossem resolvidas através da via judicial.

A nova dinâmica estabelecida na categoria a partir da crise de 2014, somada às mudanças ocorridas com a implantação do polo naval e à inércia da direção do sindicato, foi capaz de fazer com que houvesse um fato pouco comum: uma divisão dentro da direção da entidade e duas chapas, ambas filiadas ao mesmo grupo político⁸, disputaram as eleições. O resultado foi um processo renovação parcial dos membros da diretoria da entidade.

Mobilizando as categorias formuladas por Lévesque e Muray (2010), podemos dizer que a renovação em curso no SindMetal-PE ocorre em duas esferas: por um lado, a eleição de novos membros da diretoria indica uma mudança nas habilidades estratégicas dos membros da entidade e, por outro, estes novos diretores têm impulsionado diversas modificações nos recursos de poder do sindicato. A seguir, elencaremos as transformações nos recursos de poder do SindMetal-PE.

Quadro 1 – Recursos de poder⁹

Recursos narrativos	Recursos organizacionais	Solidariedade interna	Solidariedade externa
---------------------	--------------------------	-----------------------	-----------------------

⁸ Trata-se da Articulação Sindical, corrente interna da CUT.

⁹ Informações obtidas a partir de entrevistas e de consultas ao site do sindicato.

<p>1) Publicação de informativos do sindicato;</p> <p>2) Envio de <i>releases</i> para a imprensa;</p>	<p>1) Retomada do Jornal e do informativo “Zé Ferrugem”;</p> <p>2) Criação do site do sindicato;</p> <p>3) Contratação de Jornalista;</p> <p>4) Contratação de uma administradora;</p> <p>5) Construção de três novas sub sedes (mais próximas do trabalho);</p> <p>6) Reforma total da sede do sindicato;</p> <p>7) Maior oferta de serviços médicos e jurídicos;</p> <p>8) Intensificação e diversificação de convênios.</p>	<p>1) Realização da 1ª Oficina de Comunicação do sindicato (2017);</p> <p>2) Encontro do Jovem Metalúrgico (2018);</p> <p>3) Encontro dos Metalúrgicos Aposentados (2018);</p> <p>4) Encontro da Mulher Metalúrgica (2018)</p> <p>5) Assembleias gerais e por local de trabalho;</p> <p>6) Mudanças estatutárias;</p> <p>7) Campanhas de filiação.</p>	<p>1) Horizontais: Promoção de ações conjuntas com outros movimentos sociais: MST, Levante Popular da Juventude e sindicatos de outras categorias;</p> <p>2) Verticais: Participação em iniciativas promovidas pela CNM, CUT etc;</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

O quadro acima ganha maior sentido quando levamos em consideração que o sindicato passou de um estado de inércia para uma postura sindical proativa. Observemos a fala abaixo, do atual presidente, Henrique Gomes, ao comentar sobre as dificuldades encontradas:

Assumimos o sindicato em 2014, 10 de agosto de 2014, com 6 mil e... 6 mil e 100 trabalhadores. Estaleiro Atlântico Sul, na realidade, ele só teve uma assembleia, que foi no começo [2008], depois nunca teve mais. E a gente tinha um compromisso que precisava fazer assembleia lá. E depois de não sei quantos anos a gente conseguiu fazer assembleia com 6.100 trabalhadores. Isso daí foi muito ganho, que o trabalhador começou a vivenciar que o seu sindicato realmente tava se aproximando, tava chegando próximo. Tava começando a acreditar, mesmo tendo pessoas que duvidavam ainda por causa devida da antiga gestão. Não foi fácil... Então não foi fácil, muita gente não acreditava na gente, e hoje vem mudando o seu ciclo. É tanto que lá a gente não tinha nenhum sócio, hoje já temos quase 200 sócios¹⁰ lá dentro do Estaleiro Atlântico Sul. Uma das maiores conquistas dentro do estaleiro foi na nossa gestão (*Entrevista concedida ao pesquisador em 01/2017*)

Conforme já dito, as habilidades estratégicas são o saber-fazer aprendido, desenvolvido e transmitido no cotidiano da militância. Em um campo em mudança, são estes atributos que fazem com o que os atores ascendam, declinem, saiam ou permaneçam em suas posições de poder.

¹⁰ Este número foi atualizado, mas ainda não dispomos do dado. Para contornar o impacto financeiro da reforma trabalhista, o SindMetal-PE tem está em intensa campanha de filiação.

No caso em questão, a chegada de uma empresa de grandes dimensões ao Porto de Suape, o Estaleiro Atlântico Sul, com um expressivo contingente de trabalhadores, gerou demandas que não foram atendidas, inicialmente, pelo sindicato da categoria. A insatisfação gerada impactou de tal forma o sindicato que fez com que os atores estabelecidos há vários anos – como dito anteriormente, o então presidente estava há ao menos doze anos à frente do SindMetal-PE – perdessem suas posições para os sindicalistas que até então não tinham grande visibilidade no campo.

Elaborar um quadro analítico que nos permita compreender, com profundidade, as mudanças ocorridas no âmbito das habilidades estratégicas, implica, necessariamente, em reconstituir as trajetórias dos sindicalistas que emergiram e dos que perderam suas posições, buscando identificar possíveis diferenças. A análise desta dimensão do poder sindical nos leva a investigar os processos de formação e conversão dos seus capitais específicos (ROMBALDI & TOMIZAKI, 2018).

Por hora, faremos isso apenas parcialmente, mas já é possível apontar alguns indicativos, como a preocupação da atual diretoria do SindMetal-PE com a profissionalização do sindicato e a percepção da necessidade mobilização de novos recursos e capitais. É o caso, por exemplo, da contratação de uma administradora e o ingresso de um dos diretores no curso de direito.

Hoje, eu posso dizer que o movimento sindical fez eu ser advogado. Hoje eu sou advogado. Me formei. No mandato anterior a esse, entrei em direito por conta justamente do entendimento que eu tinha da divergência política da gestão anterior (...) Ele fez algumas práticas que me deixou revoltado... aí, bicho, eu tenho que estudar. Então foi quando eu fui estudar direito e aí, dentro desta gestão, conclui direito e virei advogado. (Diretor 1, em entrevista concedida ao pesquisador em 09/2018)

Recém-formado, o diretor em questão não atua como advogado do sindicato, que possui uma equipe de assessoria jurídica. Esse caso de busca de capital escolar, que pode ser combinado e revertido em capital militante, é indício de uma mudança no perfil dos atores que compõem a atual gestão do SindMetal-PE. Há, também, a busca pela atualização em relação aos temas que dizem respeito mais diretamente às mudanças ocorridas no mundo do trabalho.

Das 14 executivas que a gente tem aqui, cada um deles passou por um crivo de formação, de seminários, com a categoria, com a sociedade. Fizemos seminário da reforma trabalhista, da reforma previdenciária, com juiz, com desembargadores... A gente faz muita questão social,

precisamos fazer cada vez mais... (Presidente, entrevista concedida ao pesquisador em 09/2018).

Outro aspecto da renovação em curso é a busca pelo estabelecimento de uma política de comunicação mais eficaz, com a contratação de uma jornalista, a criação do site, a retomada, em 2014, do jornal Zé Ferrugem, que havia sido interrompido em 2002 e a edição de boletins informativos voltados para os trabalhadores de empresas específicas (Gerdau, Alcoa, Fiat, Estaleiro VARD PROMAR, EAS, Maquinas Piratininga, SEB Arno e Tron).

Como estratégia de aproximação com os trabalhadores, o sindicato ampliou a oferta de serviços assistenciais, que além da tradicional assessoria jurídica, oferece, hoje, atendimento médico, odontológico e de enfermagem aos filiados e aos seus dependentes. São realizados também convênios para descontos em instituições de diversas áreas, conforme indicados na página eletrônica da entidade: Educação, Fitness e beleza, Saúde, Turismo e lazer.

Embora, neste artigo, tenhamos dado ênfase ao polo naval, é relevante, para entender as transformações ocorridas no sindicato, fazer referência, também, à sua atuação no polo automotivo no qual a entidade teve maiores dificuldades em relação aos trabalhadores¹¹:

E quando assumimos, em 2014, a Fiat não queria negociar, não queria negociar, então quando começamos, em setembro de 2015, a fazer mobilização, começamos a tocar fogo na estrada, voltado para Goiana. Isso despertou a Fiat. A subsede da gente, eu acho que já vai fazer quase um ano que tá lá, uns nove meses, mais ou menos, que tá lá. A gente leva um médico para lá toda quinta-feira para atender os trabalhadores.

Pesquisador: E a aceitação do sindicato lá, pelos trabalhadores?

É... ainda é muita dúvida. Ainda fica uma interrogação, até porque a Fiat em si, ela tem uma linha de informar para os seus trabalhadores que não peguem o boletim do sindicato. Não peguem. Toda vez que a gente vai lá, no mínimo 30% não pega o boletim do sindicato, porque ele fica com receios. Fica com receio e termina que não pega. Mas eu acho que é gradativamente...

¹¹ O polo automotivo de Pernambuco é constituído pela FIAT e pelas demais empresas da cadeia produtiva.

O resultado das ações anti-sindicais da FIAT é que, de acordo com o presidente do sindicato, dos cerca de dez mil trabalhadores da montadora, apenas três são filiados à entidade. Para enfrentar esse boicote incentivado pelas empresas do polo automotivo, a diretoria lançou mão de um recurso narrativo importante, como a distribuição em outubro de 2017 de uma edição do jornal Zé Ferrugem voltada para o esclarecimento do papel do sindicato, sua importância para os trabalhadores, a importância da taxa negocial e do interesse patronal no boicote ao sindicato.



Fonte: http://www.sindmetalpe.org.br/ckfinder/userfiles/files/F_Cartilha%20NaoOposic%CC%A7ao.pdf

Ao apresentar para o trabalhador o ponto de vista sindicato em relação à intenção patronal de enfraquece-lo, o SindMetal-PE trava uma disputa de narrativas que envolve a habilidade estratégica de enquadramento.

Considerações Finais

Neste trabalho, mesmo que de forma ainda não exaustiva, buscou-se desenvolver uma abordagem inspirada em trabalhos de orientação *bourdieusiana* (TOMIZAKI e ROMBALDI, 2018; MATONI e POUPEAU, 2004). Propomo-nos a pensar as diferentes dimensões que compõem o poder sindical em escala local (LÉVESQUE e MURRAY, 2010). Para isso, escolhemos o caso do sindicato de metalúrgicos de Pernambuco, que representa uma categoria tradicional, mas que tem passado por grandes transformações em um período curto de tempo. Os próximos passos dessa pesquisa consistirão em aprofundar a investigação sobre as trajetórias dos dirigentes sindicais, antigos e novos, buscando comparar os distintos perfis e conectá-los às mudanças que têm ocorrido no polo naval e na forma de organização e atuação do sindicato.

Referências Bibliográficas

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Desenvolvimento e crise no Brasil**: História, Economia e Política de Getúlio Vargas a Lula. 5ª Edição atualizada. São Paulo: Editora 34, 2003.

CASTEL, Robert. **As Metamorfoses da Questão Social**: uma crônica do salário. Petrópolis, Vozes, 1998

FREGE C., KELLEY J. (2004). **Varieties of Unionism**: Strategies for Union Revitalization in a Globalizing Economy, New York, Oxford University Press,

<https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199270149.001.0001>.

GODOY, José Henrique Artigas. Novo desenvolvimentismo do Nordeste: industrialização, crescimento econômico e equidade no Território Estratégico de Suape / PE. **38º Encontro da Associação Nacional de Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS)**. GT-12. 2014.

GONÇALVES, Reinaldo. Governo Lula e o nacional-desenvolvimentismo às avessas. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**. Rio de Janeiro, n. 31, p. 5-30, fev. 2012.

LEBRET, Louis-Joseph. **Estudo sobre o desenvolvimento e implantação de indústrias interessando a Pernambuco e ao Nordeste**. Recife: CODEPE, 1955.

LEVESQUE, Christian ; MURRAY, Gregor. Comprendre le pouvoir syndical : ressources et aptitudes stratégiques pour renouveler l'action syndicale. **La Revue de l'Ires** 2010/2 (n° 65), p. 41-65. DOI 10.3917/rdli.065.004

MATONI, F.; POUPEAU, F. Le capital militant. Essai de définition. **Actes de la Recherche** – Le capital militant: engagements improbables, apprentissages et techniques de lute. Paris, n.155, dez. 2004.

NIZZOLI, C. (2017) “Quel renouveau pour le syndicalisme contemporain” in **Chronique internationale de l’IRES**, n° 160, décembre.

OFFE, Claus. Trabalho: a categoria-chave da sociologia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 4, n. 10, p. 5-20, 1989.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista/O ornitorrinco**. Boitempo editorial, 2015.

RODRIGUES, Leôncio Martins. **Destinos do Sindicalismo**. São Paulo: Edusp, 1992.

ROMBALDI, Maurício; TOMIZAKI, Kimi Aparecida. Ultrapassando fronteiras: trajetórias de ascensão de militantes brasileiros no sindicalismo transnacional. **Sociologias**, v. 19, n. 45, 2018.

SADER, Eder. (1991). **Quando Novos Personagens Entraram em Cena**. São Paulo, Paz e Terra. 2ª edição.

SANTANA, Marco Aurélio. O Sindicalismo Brasileiro nos anos 1980/2000: Do Ressurgimento à Reorientação. **Cadernos Adenauer**, ano 3, nº2. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2002.

SINGER, André. A (falta) de base política para o ensaio desenvolvimentista. In: SINGER, André; LOUREIRO, Isabel (Orgs) **As Contradições do Lulismo** – a que ponto chegamos? São Paulo: Boitempo editorial, 2016.

SINGER, André; LOUREIRO, Isabel. Elementos para uma cartografia do desenvolvimento lulista. In SINGER, André; LOUREIRO, Isabel (Orgs) **As Contradições do Lulismo** – a que ponto chegamos? São Paulo: Boitempo editorial, 2016.

VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto. Precarious work, development and the social question in Brazil: a tortuous and difficult path. **Análise**, n 25, 2017. São Paulo, Friedrich Ebert Stiftung Brasil